

A ESPADA DE OGUM (Peça de Teatro)

Moacyr Flores
PUCRS/UFRS

Cenário com praticáveis que mudam de posição conforme as cenas, dando uma atmosfera fantástica, articulado com a iluminação, coreografia e som.

CENA I

Operários chegam com marmitas e se acomodam ao lado do andaime, para comer.

TONHO — Pô, qual é? Este angu tá piorando dia a dia. O rango da pensão da Dona Angelina tá minguando na marmita. Olhem o feijão: os grãos tão boiando no caldo. Alguém tem um pedacinho de carne, esquecido no fundo da marmita?

ZÉ — Não começa Tonho. Todos os dias é a mesma coisa, sempre reclamando, quando não é a comida, é o trabalho. Não enche o saco, deixa a gente comer este grude em paz.

TONHO — Ih! O que te deu, cara? Alguém tem que falar, tocar o trombone, senão daqui uns dias a gente pega a marmita e vai ver que a comida sumiu, ninguém sabe, ninguém viu. Aquela Dona Angelica tá nos tapeando, enrolando. Olhem o que tem aí dentro: caldo de feijão, arroz duro, massa sem sal e batata ardida.

ZÉ — Come e não enche o saco, guri.

TONHO — Não dá pra encher com esta comida. Amanhã vou botar pra quebrar, vou comer pão com linguiça. Tenho que mudar o rango, assim não güento o sufoco. Quando eu ia na escola noturna ouvi um professor de Geografia dizer que muitas doenças vêm da fome. Até a inteligência vem da comida.

ZÉ — É claro, Tonho, quem é burro come capim.

TONHO — Que é a tua comida, porque tu é burro barbaridade. A burrice chegou aí e ficou para sempre. Mas tu não tem culpa de ser burro. A culpa é da tua mãe que não te deu comida certa para ficar mais inteligente.

ZÉ — Não meta minha mãe no meio! Te quebro esta cara. Mãe a gente respeita. (PAUSA) Tonho, me diga uma coisa, qual é a comida que deixa a gente inteligente? Existe mesmo isto?

TONHO — Tu é entendido em coisa de Nação, não é mesmo? Então tu sabe que cada orixá tem sua comida: pomba e canjica branca é de Oxalá; galo e pipoca é de Exu; porco e galo é de Oxosse. Amendoim é de...

ZÉ — Chega, Tonho. Isto é comida de Santo, quero saber a comida de gente.

TONHO — Pois como eu ia te dizendo e fui interrompido no meio do discurso, cada santo tem sua comida para ter força e a gente também como para ser forte, para ser inteligente, para ter saúde.

ZÉ — Que se tem de comer para ter força, su sei, mas para ficar inteligente não acredito. E não acredito, sabe por que? Porque se fosse verdade este pessoal que é da alta deveria ser mais inteligente, eles vivem empanturrados de comida, no entanto, a gente encontra cada ignorante por aí... Até gente diplomada que é burrinha da sitva.

TONHO — Diploma não encurta orelha. Não é toda a comida que serve.

ZÉ — Qual a comida especial que deixa a gente sabido?

TONHO — É justamente aquela que a gente não pode comprar.

ZÉ — Tu tá me enrolando, Tonho. Isto é mais uma brincadeira tua. Onde já se viu comida deixar a gente inteligente. Se fosse assim o engenheiro desta obra, de tanto que come, deveria estar rebentando de sabedoria pela pança.

TONHO — Proteína. É isto. Proteína. Quando a mulher tá grávida deve comer bastante comida com proteína para as células do cérebro do nenê ficarem compridas. Quanto mais compridas, mais inteligente. Por exemplo, as tuas são curtas, por isto a tua inteligência é curta, barbaridade.

ZÉ — Tô te avisando, moleque ordinário, se continuar a me ofender, te viro a cara pro outro lado com um coice, bem no pé do ouvido.

TONHO — Trate de comer mais proteína, seu compadre.

ZÉ — Tá vendo, Chico? Um dia ainda vou bater neste moleque travesso.

TONHO — Tá pensando que me assusta?

ZÉ — Olha que eu te xingo em nagô. Armo demanda pro teu lado.

TONHO — Xinga, pode xingar, tu só mete medo em tuas negras, mas comigo as coisas são diferentes. Acho bom tu tomar cuidado comigo; tô de bem com as pessoas lá de cima, os chefes da obra me conhecem, sirvo até de mandaleite para seus trabalhos e questões. Quando eles querem um serviço, eles me chamam. Não é, Chico? Oi, Chico, o que aconteceu? Tá tão quieto. Conta pra gente o que houve. Ou será que algum bicho de mordeu?

ZÉ — Ele tá com dor de cotovelo.

CHICO — Me deixem comer.

ZÉ — O Chico ficou assim desde que a Conceição deixou dele pelo Jorge Sarará.

TONHO — Também o Chico é um boca aberta. Com aquele tremendo material, que foi posto neste mundo, ele ficava passeando de mãozinha dada e indo ao cineminha aos sábados. Assim não dá, Chico, tu tem que tomar uma atitude. Um tal de Fredi explica isto.

CHICO — Como é que a gente vai se casar? Com que ganho não dá para sustentar família. Imaginem só o que será quando chegarem as crias.

TONHO — Quanto a isto não tem perigo. Eu já ouvi a Conceição dizendo que não quer filhos para não ficar feia. Mulher pobre e bonita é uma desgraça.

ZÉ — Não sei o que aquele material encontrou em ti. Com o Jorge Sarará eu entendo: ele tem dinheiro e manda na vila. Com esta tua cara e com esta tua miséria...

CHICO — Eu e Conceição nos criamos juntos. Fomos namorados desde pequeninhos. É amor de infância...

TONHO — Quanta inocência! Depois vocês cresceram e ela se transformou num material pra ninguém botar defeito, enquanto tu continua sendo salário mínimo. Tem que ver que o Jorge Sarará ganha muito mais do que tu. A Conceição tá numa boa: é a mulher do mandão da vila. Manda e não pede.

CHICO — Vou pegar este Jorge Sarará, vou acabar com a proa dele.

TONHO — Isto mesmo, Chico, pega ele que eu dou força.

ZÉ — Pegar o Jorge Sarará? Tá louco, homem. A turma dele te reduz a picadinho, vais parar no hospital com um festival de remendos, pintado com um vidro inteirinho de metiolatis. Se tu quer, eu dou um grampo nele. Te levo numa terreira que faz um trabalho de primeira, a capricho. O teu astral anda ruim, Chico, tu anda carregado, estás precisando de uns passes.

TONHO — Não vá atrás da conversa dele. Ele só quer arrancar tua grana, sacou? O Jorge Sarará tá de corpo fechado contra arma branca e contra arma de fogo. O Zé não comeu proteínas quando era pequeno e a inteligência dele ficou curta. Temos um jeito de agarrar o Jorge Sarará, mas tem que ser na raça e na coragem. Tudo no osso do peito, sem gastar um tostão.

CHICO — Então fala logo. A esmola é grande demais e o santo desconfia. O que tu ganha com isto?

TONHO — Eu? Não ganho nada, apenas ajudo um amigo na hora do aperto. Depois, no fundo, no fundo mesmo, eu também não gosto do Jorge Sarará. Ele é um mulato muito metido. Tô com uma cisma com ele. Sou entendedor dos corações sofredores. Pra início de conversa, me arranja galo, pipoca, cachaça e charuto. Ah! e uma vela. Depois a gente vai numa encruzilhada e...

CHICO — Pera aí, disse que eu não gastaria um tostão, agora pede galo, pipoca, cachaça e charuto. Que papo é este?

TONHO — Usa tuas proteínas, Chico. Galo tem na vizinhe; pipoca tem ali no pipoqueiro da esquina; cachaça tu tem em casa e vela também.

CHICO — E os charutos? Onde vou descolar um charuto?

TONHO — Tu tá apalermado, Chico, tô até te desconhecendo. O engenheiro que tá trabalhando no andar de baixo fume charuto. É só pedir que ele dá um.

ZÉ — Não vá atrás da conversa deste tinhoso, ele só quer te enganar. Esta comida colocada na encruzilhada é para o Exu. Querem fazer o padé sem o conhecimento do ritual, vai dar tudo ao contrário e cair em cima de vocês. Cuidado, Chico, não é bom brincar com aquilo que a gente não conhece. Eu sei que...

TONHO — Tu pensas que sabe, Zé, na realidade, no duro mesmo, tu não sabe o que pensa. A mãe Balbina não vai resolver os problemas do Chico. Ela não tem força contra o Jorge Sarará.

ZÉ — Como é que tu adivinhou que eu ia levar o Chico na terreira da Mãe Balbina? Eu nem falei no nome dela.

TONHO — Não é lá que tu vai?

ZÉ — É.

TONHO — Fácil, fácil, foi só usar minhas proteínas, que por sinal já andam bem escassas pelo preço que a carne está.

ZÉ — Às vezes fico pensando que tu és maluco. (Pausa). Chico, vamos na mãe Balbina? Ela sempre ajuda quem precisa. Vai ver como ela conserta tua vida e amarra a do Jorge Sarará.

CHICO — Meu caso não tem remédio, portanto remediado está. A Conceição parece que está engatada no Jorge Sarará. Nunca peisei que ela iria fazer isso comigo.

TONHO — Se fosse só o Jorge Sarará não seria nada.

CHICO — O que está dizendo, moleque ordinário?

TONHO — Não se faça de besta, todo mundo sabe que a Conceição já esteve com o engenheiro, com o mestre de obra e até com o...

ZÉ — (Corta). Cala a boca, seu intrigante! Não vá atrás deste moleque, Chico, ele está querendo azucrinar tua vida.

CHICO — (Correndo atrás de Tonho) Vem cá, seu maldito, vou te arrancar esta língua venenosa. Se te pego, já te meto.

TONHO (Fugindo) — Eu sigo pelos caminhos que tu não podes encontrar.

ZÉ — Chico, deixe este moleque e vamos à casa da Mãe Balbina. Ele é uma peste que só sabe incomodar com suas travessuras.

(Zé e Chico se retiram de cena)

TONHO (Gritando para Chico) — Diz que está com fome de amor, diz que está sentindo não sei o quê, diz que quer me matar, mas vai entrar numa fria sem tamanho, com a tal de Mãe Balbina. Te espero à meia-noite na encruzilhada, lá na subida do morro, perto do teu barraco. Ouviu Chico? À meia-noite. Queres lutar com o Jorge Sarará? Pois vais lutar com ele, onde está tua curiosidade, está tua alma e o teu coração.

CENA II

Terreiro de Mãe Balbina

CHICO — Agô, Mãe Balbina.

BALBINA — Vai sentando meu filho. Diga pra mãe velha qual é o teu sufoco. Se te fecharam as portas, eu te abro uma janela.

CHICO — É a minha namorada. Ela está com o Jorge Sarará.

BALBINA — Isto é ruim. Tu não tá bom, meu filho. Tu tá carregado. Cuidado com o amigo orelha de cão. Tu nem pode lutar contra o Jorge Sarará, ele tem o corpo fechado.

CHICO — O que faço, minha mãe? Eu quero a Conceição de volta.

BALBINA — Se conforme, meu filho. Tem coisas no mundo que só a gente se conformando. Nem sempre o vivente tem tudo o que quer. Às vezes a força do pensamento positivo ajuda... Meu filho tem que visitar a Mãe Balbina mais seguido, está precisando desenvolver para médium. Toda esta provação tem um sentido em sua vida. A preta velha ajuda, mas deixa o Sarará em paz. A Conceição num é pra ti.

CHICO — Eu vim aqui para a senhora fazer um trabalho para mim. O Jorge tem que pagar o que fez. Não se tira a mulher dos outros assim, sem mais nem menos.

BALBINA — Já disse e arrepiro que contra o Jorge Sarará num dá pra gente fazer nada, meu filho. Trate de se conformar.

CHICO — Tá enganada, Mãe Balbina. Eu não me conformo, vou lutar. Passei toda minha vida me conformando e nada tenho, portanto posso lutar porque nada tenho a perder. Já me tiraram tudo nesta vida, só me resta a própria vida. Vivo num barraco que não posso chamar de casa, recebo um salário que mal dá para comer, não consegui estudar porque tinha que trabalhar. Sei que poderei morrer na luta contra o maldito Sarará, mas que diferença faz? Qualquer assaltante pode me meter numa esquina porque não tenho dinheiro para lhe dar. Não faz diferença se morro atropelado ou nas mãos do Sarará.

BALBINA — O mais fraco tem que ceder ao mais forte. Às vezes a gente tem que chorar como se não chorasse; rir quando não se está alegre e abandonar o que se tem, como se nada tivesse.

CHICO — Já cansei de rir com os olhos rasos d'água e de chorar com a boca seca. Vou lutar. O Tonho me prometeu ajuda, bem que ele me avisou que eu estava perdendo tempo nesta terra.

BALBINA — Se tu vais, meu filho, tenha cuidado com o amigo orelha de cão, ele só tira vantagens e quando dá, leva muito mais do que deixa. Às vezes a gente ri no início para chorar amargamente no fim.

CHICO — Quero rir na minha alegria e chorar na minha tristeza. Eu voltarei, Mãe Balbina, mas antes ajustarei contas com o Sarará.

BALBINA — Que Xangô Agodô, do alto de sua pedreira, te alumie a mente nesta tempestade que estás armando.

CENA III

Chico encontra-se com Zé em frente do terreiro.

ZÉ — Então? Não te disse que a Mãe Balbina é boa de santo? Ela já fez milagres pra muita gente.

CHICO — Ela não resolveu minha situação. Está com medo do Jorge Sarará, como todo mundo, diz que ele tem o corpo fechado e que devo me acomodar. Acontece que não vou mais aturar dessafos.

ZÉ — Também, logo com quem tu vai se meter! O Jorge controla toda a vila. Não dá pra meter contra ele. Chico, me diga uma coisa: por que logo a Conceição? O mundo tá cheio de mulheres dando sôpe por sí, agora tá muito mais fácil de arranjar mulher.

CHICO — Quem disse que está mais fácil? Não arrumo mulher.

ZÉ — Antigamente a gente não podia abraçar nem beijar mulher em público. Hoje tão grudados feito carrapatos. Uma vergonhosa sem tamanho! E são todas moças de família. Ontem, nem as moças que não eram de família permitiam a gente fazer isto em público. O mundo tá virado de cabeça pra baixo. Aproveita e arruma outra mulher, aqui mesmo na vila.

CHICO — Eu quero a Conceição.

ZÉ — O que é isto? Até parece um bezerro mamão. A Conceição tu vai ficar querendo, porque se a Mãe Balbina não resolveu teu problema, ninguém dá jeito. Isto tá te acontecendo por causa da tua outra vida com a Conceição.

CHICO — Que outra vida, compadre?

ZÉ — Sabe porque a gente tá sofrendo nesta vida? Porque na outra encarnação a gente procedeu mal e agora está aqui para pagar tudo, tintim por tintim. Tu e a Conceição fizeram juntos coisas ruins na outra encarnação, agora vão sofrer para pagar.

CHICO — Se estive com ela na outra encarnação, também quero estar com ela nesta vida. Vamos sofrer juntos.

ZÉ — Chico, trate de mudar de pensamento, esta idéia fixa será tua perdição. Tu anda pelas ruas pensando na Conceição, preso a um desejo, quando menos esperar, um espírito da mesma faixa vibratória adere à tua pessoa como um encosto. Pensan-

do bem, acho que tu tá com encosto, andas irritado, explodindo no trabalho, com imprecisão nos atos, parece que até andas teleguiado. Acho bom tomares uns passes. A Mãe Balbina não disse que tu tá carregado? É encosto, meu amigo, é encosto.

CHICO — Quando tu fale nestes trechos de espíritos, tu usas umas palavras diferentes, que até a gente te desconhece.

ZÉ — É que estou buscando o aperfeiçoamento. Quando ando de ônibus aproveito para ler sobre a doutrina da bandeira branca. Ontem...

CHICO (Corta) — Olha quem vem lá! A Conceição, Quero que ela seja o encosto de minha vida. (Pausa) Conceição, posso falar contigo um minutinho só?

CONCEIÇÃO — Um minutinho e bem depressa porque estou muito ocupada.

CHICO — Conceição, eu queria... Sabe como é... Eu pensei...

CONCEIÇÃO — Anda logo, Chico, não pensa.

CHICO — Vamos combinar para a gente se encontrar noutra hora?

CONCEIÇÃO — Noutra hora. Agora tenho que ir. Estou com um compromisso urgente.

CHICO — Espera, quando nos encontraremos novamente?

CONCEIÇÃO — Não sei. Agora não posso dizer. Quando estiver livre, te mandarei um recado pelo Tonho.

CHICO — Conceição, quem sabe a gente sairia agora? Vamos dar uma volta, passear um pouco.

CONCEIÇÃO — Dar uma volta? Passear? Eu, hem? O que está pensando? Acha que sou mulher de ficar caminhando pela rua? Depois, tua roupa está mal cheirosa. Não gosto do cheiro de suor. Deves tomar um banho. Usar um desodorante. Aproveita que hoje é sábado. (Sai)

CHICO — Conceição, espera, Conceição... Agora, o que faço, amigo Zé?

ZÉ — Tome um banho, depois fale com ela, aproveita que hoje é sábado, dia de fazer uma geral. Por falar nisso, vou para casa desenferujar as molas e depois me largar na gandaia.

CENA IV

Chico na encruzilhada, trazendo oferenda.

CHICO — Onde se meteu o moleque? Tonho! Estou aqui com o galo, pipoca, cheruto e cachaça. Tonho. Aonde este cara se meteu? O que faço com esta oferenda? Tonho? ... Acho melhor deixar estes bagulhos na encruzilhada. Vamos acender a vela para iluminar os caminhos. Quem rosnou aí atrás? Deve ser algum cachorro vira-lata. Já estou ficando nervoso. Não devia ter vindo, mas a tal de Mãe Balbina parece que tem medo do Jorge Sarará. Todo mundo tem medo dele. Menos eu. Vou terminar com a prosa daquele mulato metido a sebo. Onde está este cachorro que rosnava nas sombras? Vai-te embora, cachorro morto de fome! Passa, bicho danado! Ainda mais este para me inquietar. O que faço com estes bagulhos? Caí numa brincadeira do moleque Tonho. Bem, ao menos tenho cachaça, um traquinho não faz mal a ninguém numa noite de sábado. Depois posso fumar uns charutos, pena que não dá para comer o galo cru. Quando a gente bebe fica mais valente. (Ouve-se atabaques com o toque de Exu). Quem está tocando os atabaques? Não acredito nestes orixás que têm medo do Jorge Sarará. É meia-noite na encruzilhada. Desafio os orixás e este cachorro rosnador das sombras. Venham todos

juntos com o Jorge Sarará. Estou pronto para lutar. Não perco nada porque não tenho nada. (No fundo, em penumbra, o Exu dança). Orixás, Santos e cachorros, estou aqui feito um tolo por causa de uma mulher que nem dormiu comigo, mas dizem que já deitou com outros. Ela é linda como a água da fonte, misteriosa como as águas peradas dos lagos. Quem está aí? Ah, és tu, meu amigo Tonho? Me assustei. A gente fica na encruzilhada nas horas mortas da noite, bebendo cachaça no gargalo e pensa que vê assombração... Assombração...

EXU — Agô-é.

CHICO — Vamos parar com a brincadeira, Tonho. Tu é o Tonho. Ou será o Exu? Por favor, não brinque comigo! Quem é tu?

EXU — Eu sou a contradição do mundo, eu dou o movimento ao universo. Há o bem, eu faço o mal, há o mal e eu faço o bem. Sem mim o mundo seria parado. Minha contradição movimenta o mundo, faz nascer a vida na terra.

CHICO — Que bobagem é esta? O que queres de mim? Onde já se viu tamanha asneira? Carregaste muitos tijolos na obra e o sol deixou teu miolo mole.

EXU — Foste tu quem me chamou. Vim buscar minha comida.

CHICO — Teu corpo é o de Tonho, mas tua voz e teus olhos não são os de meu amigo.

EXU — Eu sou teu amigo enquanto me servires.

CHICO — Os atabaques pararam. Quem tocava?

EXU — O Zé. Ele sabe que estamos aqui.

CHICO — E tu, como sabes que era o Zé?

EXU — Eu tenho o dom de conhecer o futuro de todo mundo, menos o meu. Acho melhor não perdermos tempo. O tempo é o único que destrói tudo. Daqui alguns anos a tua Conceição, que agora está nos braços de Ogum, também será uma velha.

CHICO — Me dê uma noite com ela.

EXU — Serve esta noite? Até o cantar do galo ao nascer do sol?

CHICO — Serve. Farei qualquer coisa por esta noite.

EXU — Qualquer coisa mesmo? Não vai se arrepender depois?

CHICO — Qualquer coisa e sem arrependimentos futuros, não posso ficar pior do que já estou.

EXU — Então vamos viajar nas asas do vento. Dance, meu amigo, a dança de Iansan. Do céu virão raios e ventos que nos levarão ao reino de Aruanda. (Tocam atabaques com o ponto de Iansan. Ventos e relâmpagos). Vamos galopar no céu, aproveitando que Iansan brigou com sua irmã Oxum, por causa de Xangô. A rainha da beleza, das fontes e dos lagos, gosta de cuidar de seu corpo, de se pentear e de contemplar sua beleza refletida nos espelhos. Primeiro ela deixou Oxosse porque ele andava caçando e não cuidava dela. Depois ela tentou Xangô, forte e poderoso. Agora ela está com Ogum que veio de Aruanda em seu cavalo branco, trazendo espada e lança afiada. Tu tens que pegar a lança e a espada de Ogum, então terás poder em Aruanda e a bela Oxum será tua. (Silenciam os atabaques)

CHICO — Onde estamos?

EXU — Na fronteira entre a vida e a morte. Aqui moram os Eguns, se tocares nas roupas deles, estarás perdido. Não deixa eles te tocarem. Eles têm o hálito pestilento da morte.

CHICO — Quem são os eguns?

EXU — Os eguns são os orixás dos mortos. Eles servem a Iansan, que nos trouxe nas asas do vento.

CHICO — E se Iansan não gostar que a gente passe pelos eguns, que são os seus servidores?

EXU — Iansan é mulher volúvel como o vento. Ela agora quer fazer adivinhação e precisa de mim para ler o futuro. Assim uma mão lava a outra e as duas juntas lavam o rosto. Eu conheço o futuro, sei que se não tocares nos Eguns passaremos pela fronteira entre a vida e a morte.

CHICO — Eu sempre vivi em cima do muro, sem pender para um ou outro lado, com medo do que poderia me acontecer. Vamos atravessar a fronteira, correr pelo mundo dos eguns.

EXU — Estás ouvindo novamente os stabeques? Eles chamam os Eguns. Eles estão chegando. Ogun-iié! Ogun-iié!

CENA V

Um grupo executa a coreografia de Egun.

EGUN — O que quer o mortal de nós?

EXU — Salve, almas de nossos antepassados. O mortal está comigo e tem um trabalho a cumprir. Meu pai Oxalá já sabe o que há.

EGUN — O que queres em meu reino? Aqui os mortais chegam para ficar.

EXU — Estamos de passagem, não pretendemos ficar em teu reino.

EGUN — Se o mortal entrar em nosso reino, não poderá mais sair. Esta é a terra dos mortos.

EXU — Deixa disto, Egun. Está esquecendo que sei o que acontecerá depois? Darei um jeitinho para tirar o mortal do teu reino. Já fiz isto outras vezes e você nem se deu conta.

EGUN — Não me trate por você, eu sou mais velho e exijo mais respeito.

EXU — Senhor Egun, agora que já falamos, queremos passar. Quando eu subia a fadreira para a encruzilhada encontrei uma tigela com arroz e galinha, perto de uma pedra grande. Por que não vão até lá matar a fome?

(Os Eguns se retiram)

CENA VI

Chico e Exu

CHICO — E agora, compadre, o que faremos?

EXU — Compadre Chico, por enquanto tudo bem. Viu só? Bastou falar em comida para eles se mandarem correndo. Para tudo tem um jeitinho. Cada pessoa tem o seu lado certo de montar. A gente descobre com o tempo.

CHICO — E qual é o teu lado certo de montar?

EXU — Descubra, compadre, descubra. Sou bom e sou mau, depende de como me tratam.

CHICO — Para onde iremos agora?

EXU — Nada de perguntas. Acho melhor te avisar que não podes contar nada a ninguém sobre o que está nos acontecendo. Isto é segredo. Se contares poderás atrasar tua vida, estragar teu futuro.

CHICO — Já ando numa maré de mijo, que atrasar mais minha vida não será possível. Se eu me descuidar até nas pedras me atolo, até no abaixar me descadero. Urubu quando está de azar, quebra qualquer galho em que senta.

EXU — Passamos a fronteira dos mortos, vamos entrar agora no reino dos Orixás. Deixa tudo por minha conta. Têm muita gente boa que anda misturando coisas de índios com coisas africanas. Outros misturam elementos espíritas e católicos com a sabedoria indu. É um verdadeiro angu de carço. O pior é que cada um se considera dono da verdade.

CHICO — Compadre, esta conversa eu não entendo. Só sei que estou com as pernas frouxas e voltas no estômago. Acho que vou desistir.

EXU — Se desistir vai perder a noite maravilhosa que sempre sonhou. Ela está te esperando no seu palácio de Aruanda.

CHICO — Ouví dizer que os Orixás podem modificar nossas vidas. Se eu entrar no reino deles, estarei perdido. Não terei forças contra os orixás, morrerei como um tolo.

EXU — Há pouco dizias que nada tinhas a perder e agora estás choramingando. Estás com medo de morrer? Disseste que darias tudo por uma noite de amor e agora estás recuando só porque tem as pernas frouxas e o estômago dando voltas. Confia em mim e tudo sairá bem.

CHICO — Sairá um bem para ti ou um bem para mim?

EXU — Se eu contar os acontecimentos futuros, a vida perderá o seu encantamento. Vamos ao palácio da bela Oxum, que nos espera entre almofadas de alecrim, perfumada e cheia de desejos numa noite de sábado.

CENA VII

Palácio de Oxum. Espelhos entre os praticáveis. Leques em profusão. Ouve-se os stabeques tocando o ponto de Oxum que está se pintando.

OXUM — Equede, Equede. Venha cá, minha negrinha.

EQUEDE — Chamou, minha iaiá?

OXUM — Meu senhor já chegou? Parecia que ouvi seu cavalo.

EQUEDE — Não, iaiá. Ele foi para a guerra, lutar contra os descrentes do poder de sua lança comprida e espada afiada. O mundo está ficando virado com tantas demandas que Ogum já não descansa mais nos braços de minha senhora.

OXUM — Será que este vestido fica bem em mim?

EQUEDE — O amarelo claro é a cor que lhe fica melhor. A senhora está linda com as águas claras da fonte. Seus olhos brilham com a lua no lago.

OXUM — Onde está o Exu? Quero ler o meu futuro.

EQUEDE — Fazendo travessuras, iaiá, pintando o sete no meio dos homens.

OXUM — Preciso saber o meu destino.

EQUEDE — Destino pertence ao tempo e com ele não podemos brincar.

OXUM — Antes eu possuía Oxosse, mas ele vivia caçando, não dava importância a mim, depois conheci Xangô, que me deixou cansada de tanto amor. Agora estou com o cavaleiro de Aruanda, que de início me encantou com seu porte altivo de guerreiro, mas agora me entedia com suas histórias de combates, bravuras e disciplina. Hoje é sábado, Equede, e eu estou sozinha novamente.

EQUEDE — Buscarei incenso para perfumar o quarto de Iaiá. Minha senhora está linda como um sonho.

OXUM — Para quem estou me preparando? Esqueça o incenso que eu tentarei esquecer que hoje é sábado. Equede, prepare comida de Exu, quero aquele moleque lendo o meu destino.

EQUEDE — O que faço desta vez? Galo com farofa e atí-funfun? Ou acassá de fubá de milho com conhaque?

OXUM — O que houver de melhor. No palácio de Oxum ninguém passa fome, tenho comida sobrando.

EQUEDE — O moleque travesso come de tudo. Que comida preparo depois? Para Oxosse, para Xangô ou para Ogum?

OXUM — Escolhe, Equede, escolhe um Orixá para mim. Esta noite quero morrer de amor.

EQUEDE — Ouvi rumores que no reino dos Eguns o nosso moleque fez mais uma travessura. Dizem que vem com um estranho.

OXUM — Então em breve eles estrarão em meu reino. Vai depressa preparar sua comida e descubra quem é o estranho.

CENA VIII

Chico e Exu caminham nas sombras

CHICO — Compadre, onde estás? Não me deixe sozinho, não conheço estes caminhos das sombras e tenho medo de me perder.

EXU — Coragem, compadre, estou aqui atrás, siga em frente.

CHICO — De onde tirou este garfo? Não se esqueça que Ihe dei galo, pipoca, charuto e cachaça. Olha, nós dois somos amigos. Eu nunca fiz mal a ninguém... A ninguém... Juro. Não posso ver um animal penando, sou incapaz de julgar de um bicho. Sempre gostei de todos. Aquilo que eu disse do Jorge Sarará foi só um desabafo por causa da raiva que eu sentia. A Conceição me deixou por causa dele. Fiquei com raiva, mas já passou.

EXU — Cala a boca! Está vendo este tridente? Será tua arma contra a lança de Ogum. Este tridente é de aço, a lança só tem a ponta de metal, mas sua haste é de madeira. Procure quebrar-Ihe a lança. Então ele terá que usar a espada.

CHICO — Como lutarei contra um Orixá?

EXU — Outro Orixá vai te proteger, porque os desmandos de Ogum não podem continuar. Ele pensa que é o melhor e quer por nova ordem no mundo, mas ele voltará para seu reino de Aruanda a fim de cuidar do seu cavalo.

CHICO — Ogum virá a cavalo contra mim, serei esmagado por suas patas ferradas.

EXU — O cavalo de Ogum está pastando, vou enxotá-lo para longe e Ogum combaterá a pé.

CHICO — Ele é o Santo Guerreiro, o senhor do ferro, da guerra e da agricultura. Como posso enfrentá-lo? Sou apenas um simples mortal salário mínimo.

EXU — O pássaro de Ossanhe me ensinou os segredos das ervas. Há ervas para curar, para matar e para encantar. O alho cura a gripe, o angico é expectante, a mangerona cicatriza feridas, a pitangueira é boa para pneumonia e dessoranjo, a guiné...

CHICO (Corta) — Estou precisando de erva que cure o medo.

EXU — Tenho uma muito melhor, uma erva que te dará forças de orixá. Só que o efeito é passageiro. Bebe este chá que te transformará em Cabodo. (Entrega uma quitinha com copo de barro)

CHICO — Como é o nome deste chá?

EXU — Isso não posso dizer porque é segredo. Se todo mundo ficar forte será o fim do mundo. É bom que haja fracos para servir aos poderosos. Já pensaste num grupo de pessoas com todo mundo querendo mandar? Não daria certo. Não te esqueças que fazes parte de um sistema, onde não poderás mudar o fluxo dos acontecimentos. Tu não estás isolado no mundo.

CHICO — Por que fui escolhido para combater Ogum? No fundo sou um medroso que vive aos tombos neste mundo de Deus.

EXU — É uma longa história, mas vou resumir para ti. Quando Obatalá criou a terra fez também o reino do homem, este não sabia o que fazer com o presente de Obatalá. Então veio Ogum e ensinou o homem a arar a terra e a construir suas ferramentas. O homem também não sabia proteger sua família contra o ataque de outras tribos. Novamente veio Ogum e ensinou o homem a fazer armas de metais. Agora Ogum ficou vaidoso, pensa que é o dono do mundo, pensa que é o maior dos Orixás. Tudo por culpa da dengosa Oxum, que por vaidade está virando a cabeça de Ogum. Bebe este chá para te transformares no cabodo.

CHICO — Ainda não me disse porque fui escolhido.

EXU — Porque tu és bom. Vamos em frente castigar os soberbos e os poderosos.

CHICO — Diga-me, compadre, qual é o seu nome.

EXU — Alguns me chamam de Elegbá, outros de Exu. Alguns dizem que sou o Diabo, poucos que sou o Tranca Ruas. Chamam-me de Bará da Encruzilhada e até de Santo Antônio. Denominam-me de Mabila, de Bambogira, de Homem da Rua e de Compadre. Pode escolher o meu nome, porque eu sou a contradição que existe em cada um. Ninguém é inteiramente bom e nem inteiramente mau. Só tu, Chico, que chega a ser trouxa de tão bom que és.

CHICO — Então vieste para me tentar e para me perder.

EXU — Vim porque fui chamado. Agora estão me chamando no palácio de Oxum. Equede está preparando minha comida.

CHICO — O que farei com Oxum? Ela é o Orixá da beleza.

EXU — Tu não querias uma noite de amor? Terás a noite mais inesquecível de tua vida. Oxum está se preparando em frente do espelho. Ela te amará como nunca foste amado.

CHICO — Está louco? Eu sou um mortal.

EXU — Então vou te contar outra história. Há muitos e muitos anos vivia na Aruanda um caçador com seus guerreiros. Chamava-se Odé, marido de Oxum. Ele partiu para a caça e num dia proibido por Ifá. Sua mulher Oxum chorou muito. No mesmo dia encontrou Oxumaré em forma de serpente, que cantava: "Eu não sou bicho de pena para Odé matar". O guerreiro-caçador não atendeu ao canto de Oxumaré e matou a serpente, cortando-a em pedacinhos. Depois voltou para casa e comeu os pedaços de Oxumaré. Sua mulher Oxum fugiu horrorizada. No outro dia Oxum voltou para casa e encontrou seu marido Odé morto e o rastro de uma serpente. Oxum pediu misericórdia a Ifá, que resolveu fazer desaparecer o corpo de Odé, o valente guerreiro-caçador. Sete anos depois surgiu o corpo de Odé, o valente guerreiro, transformado em Orixá e recebendo o nome de Oxosse, o rei da floresta e da caça. Nesta época Oxum já era mulher do poderoso Xangô. Ago-

ra está com o valente Ogum. A rainha da beleza, Oxum, já amou um mortal, por que não poderá te amar?

CHICO — Este Odé que morreu, quem era mesmo?

EXU — Um caçador que pensava apenas em caçar, abandonando os amigos e a mulher belíssima. A caça era o único trabalho que ele sabia fazer.

CHICO — Mas ele morreu, foi devorado pela cobra.

EXU — A cobra triturou o corpo de Odé porque ele só pensava em trabalhar. O homem tem também outras obrigações que não pode se esquecer.

CHICO — Como um mortal pode se transformar em Orixá?

EXU — Graças as ervas de Ossanha. Já estás com idéias de se transformar em Orixá? Estou te estranhando, compadre Chico. Vamos em frente que Equede já serviu minha comida.

CHICO — Por que me contou a história de Odé? O que ele tem que ver comigo?

EXU — Conteí por contar, conteí porque gosto de falar. Quando não tenho assunto falo a toa. Gosto de ouvir o som de minha voz. A história de Odé é muito bonita. Agora bebe o chá porque temos um trabalho a fazer.
(Chico bebe o chá da quartinha)

CENA IX

Palácio de Oxum. Equede enfeitando Oxum.

EQUEDE — Iaiá, o Exu está chegando e trás um estranho com ele.

OXUM — Será mais uma travessura do moleque? Nesta noite de sábado deve acontecer alguma coisa para me tirar este tédio. Onde foi Ogum?

EQUEDE — Já lhe disse, iaiá, que foi à guerra com seus guerreiros de Aruanda, montado em seu cavalo branco, galopando em nuvens vermelhas.

OXUM — Quando o Exu chegar, faça-o entrar com seu estranho companheiro.

EQUEDE — Cuidado, iaiá, não se deve confiar no Exu. Pode ser mais uma de suas brincadeiras de meu gosto.

OXUM — Ele me diverte com suas brincadeiras nas noites vazias de sábado.

(Toque de Exu. Chico permanece nas sombras.)

EXU — Ora iê-iê-ô!

OXUM — Alupô.

EQUEDE — Salupô.

OXUM — Que alegria te ver novamente. Que boas novas me trazes?

EXU — Trago uma grande alegria para a moça bonita. Ossanha me ajudou com muitas ervas miraculosas. Hoje é sábado, dia do amor, a mulher dengosa precisa de namorado.

OXUM — Ogum partiu para a guerra, partiu para cuidar das demandas.

EXU — Eu trouxe alguém que tem o perfume de rosas em suas mãos. Alguém que converse com bichos, que cuida dos outros e passa pelo tempo sem que se note sua presença.

OXUM — Quem é este que se esconde nas sombras, com um tridente de ferro? Por que suas mãos têm o perfume de rosas?

EXU — Ele veio para te acariciar, minha rainha dengosa.

OXUM — Então, quero ficar sozinha com o estranho.

EQUEDE — Cuidado, iaiá, o Exu não presta, está sempre fazendo das suas.

EXU — Minha querida Equede, vim buscar minha comida, mas antes venha de lá um abraço apertado.

EQUEDE — Sem vergonha, já está se assanhando. Tua casa é la fora, pois não respeitas as mulheres.

(Equede sai com Exu)

CENA X

Oxum e o Caboclo.

OXUM — Como devo saudar a ti, que se esconde nas sombras, trazendo na mão o instrumento de Exu? (Pausa) De que reino vens?

CABOCLO (Largando o tridente) Não te lembrás mais de mim?

OXUM — A tua voz... És o caçador Odé? Não, não pode ser. Odé foi devorado pela serpente Oxumaré. Depois ele foi transformado em Oxosse. Se és Oxosse que retorna, vai primeiro tomar banho, pois não suporto o mau cheiro que exalas. Um cheiro de animais mortos nas caçadas, que impregnou teu corpo. Sai das sombras para que eu te veja.

CABOCLO — Conceição, eu vim te buscar.

OXUM — Ora, és apenas um caboclo. Pensei que fosses um Orixá. Fala com Equede que ela dará tua comida.

CABOCLO — Tu és a minha comida.

OXUM — Sem vergonha, andaste com o Exu e ficaste debochado. Vou chamar minha serva para cuidar de ti, ela sabe como tratar gente de tua laia.

CABOCLO — Não quero tua serva, não quero tua comida, quero a ti.

OXUM — Responde-me Caboclo, quem és e de onde vens?

CABOCLO — Já fui e não sou mais. Não sei como não morri rolando por este mundo de Deus. Agora sou Caboclo que rompe caminhos, percorre os mares, flutua no céu e toma nos braços aquela que quer.

OXUM — E queres a mim? Tu és criação de Exu, simples brincadeira daquele moleque que vem me divertir na noite vazia de sábado, enquanto meu senhor luta na guerra.

CABOCLO — Não quero divertir ninguém, o riso dos outros me incomoda. Eu vim para lutar e conquistar o que quero, nem que tenha de derramar todas as lágrimas que já chorei em outros tempos.

OXUM — Pois eu quero me divertir. Gosto de risos. As lágrimas endurecem as faces. Pensando bem, Caboclo atrevido, talvez sejas um novo divertimento para me ajudar a passar as horas deste longo sábado. Disseste que queres lutar... Contra quem? Contra o Senhor da Guerra, que é o meu dono?

CABOCLO — Para te possuir eu desafio todos os Orixás e se for preciso até Olerum, o poderoso que se esqueceu do mundo que criou.

OXUM — A lança de Ogum é afiada e sua espada cortará tuas carnes até os ossos. Tua cabeça rolará por terra.

CABOCLO — O meu tridente é de aço, suas pontas são perfurantes.

OXUM — O senhor da Guerra veste armadura resistente feita de placas de ferro. Teu tridente ficará de pontas quebradas.

CABOCLO — Eu me visto com a coragem e a ousadia dos miseráveis que nada têm, porque tudo já perderam.

OXUM — Ogum é forte, dobrará tua espinha até que ela estale ao encostar tua nuca no chão.

CABOCLO — Eu sou esperto porque consegui sobreviver na maré baixa da vida, onde milhares morreram afogados.

OXUM — Ogum te mata como um mísero piolho entre suas unhas.

CABOCLO — Matar-me? Não tenho medo, pois já percorri um longo caminho que me separava de ti, onde não sei como não morri.

OXUM — Então, vem, quero me divertir, deixando as horas passarem como se o mundo estivesse parado no espaço e a gente nada tivesse para fazer, a não ser comer, beber e amar. Aproveitamos o momento, porque hoje é sábado. Equede queimou incenso para perfumar meu quarto.

CABOCLO — Sinto apenas o perfume do teu corpo.

OXUM — As almofadas de meu leito estão forradas com alecrim.

CABOCLO — Ficaremos em teu leito até o galo cantar com a primeira luz da madrugada.

OXUM — E depois?

CABOCLO — Percorrerei os caminhos de minha sina, até que chegue outra noite de sábado, quando então virei novamente te visitar.

OXUM — E se o senhor da Guerra nos encontrar? Tenho medo.

CABOCLO — Lutarei contra ele. O tempo dele terminou, agora começa um novo tempo em que eu trago a palavra para todos os homens que sofrem, para todos os que perderam as esperanças e só têm a morte como prêmio.

OXUM — Para que sofrer, meu Caboclo? Uma mulher não deve ficar sozinha numa noite de sábado. Meu senhor partiu, cuida apenas da guerra, esquecendo que sou jovem e bonita.

CABOCLO — Esta noite cuidarei de ti, como nunca foste cuidada.

OXUM — Eu te mostrarei os segredos das águas das fontes os mistérios das águas dos lagos, que refletem o azul do céu. Vem!

(Ataques tocam o ponto de Oxum. Coreografia)

CENA XI

Os ataques mudam o toque para o ponto de Ogum, que entra no quarto de Oxum.

OXUM — Meu senhor está chegando. Ogumê, ogumê!

OGUM — Quem é este que não me cumprimenta? Quem é este que me desafia com sua petulância?

CABOCLO — Sou aquele que tomará o teu lugar porque o teu tempo se esgotou.

OGUM — Não te conheço. Qual é o teu reino?

CABOCLO — Sou o Caboclo que cansou de sofrer, de ser explorado, de nada possuir. Meu reino? É o reino dos miseráveis, daqueles que nada têm. Minha comida sempre foi as sobras dos outros, mas agora quero um festim real onde tu serás o criado que servirá a mesa.

OXUM — Meu senhor, eu não o convidei para nenhum festim. Ele foi entrando como quem não quer nada, me chamou de Conceição e me tratou como se eu fosse uma simples mulher. Ele é um bárbaro que fala macio, mas suas maneiras são fortes e violentas. Não respeita ninguém. É um debochado.

OGUM — Caboclo miserável, agora sei que és o culpado de tudo. Os homens não me dão mais atenção, estão se desculcando de suas obrigações, já não fazem mais seus sacrifícios e nem oferendas nas encruzilhadas. Os homens não me temem mais. Vou te ferir com minha lança, antes que destruas o meu reino. Serás o mais

miserável dos meus escravos que rastejará aos meus pés. Serei sempre um orixá vencedor, pois eu sou o senhor da Guerra e do Ferro. Sou belicoso, impetuoso, lutador e desconfiado.

CABOCLO — Chega de papo furado. Venha lutar, a escolha foi minha. Lutaremos até o galo cantar e só haverá um vencedor.

OGUM — Estou armado com minha lança afiada e protegido por uma couraça de sete camadas de ferro.

CABOCLO — Onde está o meu tridente? Oxum, mulher enganadora, onde escondeste minha arma? Como poderei lutar desarmado?

OXUM — Escondi o tridente para que leves uma lição. Tua insciência te perdeu. Confiaste no Exu, ele não é amigo de ninguém. O Exu é vaidoso, amante do vício e mercenário. Só te resta agora a clemência do Senhor da Guerra e do Ferro. Abusaste de minha paciência querendo possuir o que está longe do teu alcance, cade um tem que se conformar com aquilo que tem.

CABOCLO — Eu também sonho, tenho vontades e desejos de possuir, lutarei para ter o que quero. O que é meu será tomado nem que seja à força. O direito não se pede, se exige. Venha, Cavaleiro de Aruanda, venha com tua lança, com tua espada e com tua couraça, quero ver se és tão forte quanto tua arrogância.

OGUM — Vou te esmagar com as patas de meu cavalo.

EXU (Entrando com um tridente) — Já não tens cavalo, ele está correndo assustado pelos campos. Caboclo, aqui está meu tridente, faça como te ensinei e liquida este Orixá prepotente que se esqueceu dos homens para cuidar unicamente de si mesmo. Depois castiga a vaidosa Oxum que se esqueceu de ser mulher. Lariô!

CABOCLO — Lariô! Vou te mostrar, Orixá de armadura de ferro, quanto vale um caboclo que ousaste desprezar. Vais voltar correndo a pé para teu reino de Aruanda. (Coreografia de luta. Pontos de Caboclo e de Ogum. Entram figurantes que também dançam como se lutassem em duas hostes. No meio de todos o Exu brinca e mexe com as mulheres. O Caboclo quebra a lança de Ogum. Os companheiros de Ogum começam a bater em retirada.)

OGUM — Vou te cortar ao meio, de alto a baixo, com minha espada de ferro. Sou um Orixá, não posso morrer.

CABOCLO — Caboclo se morre, nasce outro. Caboclo que vive, é forte porque enganou a morte quando pequeno. Vem, tua espada contra meu tridente.

EXU — O dono da espada terá o poder no castelo de Oxum.

OGUM — Esta é a minha espada, a espada de Ogum. Eu tenho o poder e nenhum caboclo safado vai roubá-lo. Vou te ensinar, caboclo atrevido, a falar uma linguagem para nós nos entendermos.

CABOCLO — Que linguagem é esta que nos levará ao entendimento mútuo?

OGUM — A minha linguagem!

CABOCLO — Não falo tua língua, não sou de Aruanda. (Coreografia de luta entre o Caboclo e Ogum. Tocam pontos dos Orixás, enquanto a espada choca-se contra o tridente. O Caboclo tira a espada de Ogum!)

OGUM — Maldito caboclo, teu tridente encantado por Exu me derrotou. (Ao Exu) Mensageiro traidor, por que lhe deste força para me derrotar? Por que ensinaste ao Caboclo os segredos das ervas? A quem estás servindo?

EXU — Sabes que sou a contradição do mundo, a contradição que dá o movimento a tudo. Se eu não fizesse o meu trabalho o mundo seria parado, não haveria evolução e nem progresso.

OGUM — Mas eu coloquei no reino uma nova ordem. Oxosse, o príncipe dos Orixás, pensava unicamente na caça, descuidando-se do reino. Xangô, voluntarioso e

agressivo, anda pelas pedreiras em busca de pedras para fabricar o raio. Os homens não respeitam mais os Orixás. Se me expulsar do reino de Oxum, voltará novamente a desordem. Eu preciso continuar o meu trabalho.

EXU — Senhor da Guerra e do Ferro, pegue o cavalo que está pastando no descampado e volte para Aruanda. Quem manda neste reino é o Caboclo que eu criei, por ordem de nosso pai Oxalá, para combater teu delírio de grandeza, teus desmandos e prepotência. Ogunhê.
(Ogum se retira)

CENA XII

Permanecem no palácio o Caboclo, Oxum e Exu.

CABOCLO — A espada de Ogum é minha, somente minha. Eu tenho a espada de Ogum. Sou forte e poderoso. Sou o senhor dos Sete Caminhos.

OXUM — E tem a mim também. (Dengosa) Do lado do forte deve ficar a beleza, assim a tua rudeza será mais branda.

CABOCLO (Brandindo a espada em várias direções) — Sou o Caboclo forte e poderoso. Comigo ninguém pode. Terei um palácio grandioso, servido por minhas falanges.

OXUM — Eu te darei o meu palácio.

CABOCLO — Terei todos os dias um montão de comida e bebida para me fartar até estourar. Vou tirar o estômago da miséria.

OXUM — Equede cozinhará para ti, meu senhor, e eu te servirei as mais finas iguarias. Encherei tua taça de bebida.

CABOCLO — Agora não ficarei mais sozinho, estarei sempre rodeado de mulheres bonitas, muitas mulheres: loiras, morenas e mulatas.

OXUM — Terás a mim, meu senhor.

CABOCLO — A ti? Não, Oxum. A ti, não. Tu és perfumada demais e eu trago o cheiro da miséria que fere tuas narinas delicadas. Tu queres apenas o poderoso, aquele que tem a espada de Ogum. Não preciso de ti, Oxum, eu agora mando, não peço. Eu derrotei o senhor da Guerra e do Ferro, desafiei todos os Orixás, todos os Santos, para obter o que me pertencis. Agora eu tenho tudo, até o que não me pertence.

(Ouve-se o canto do galo).

EXU — O galo está cantando, Caboclo embriagado pela espada de Ogum. Está na hora de voltarmos ao reino dos mortais.

CABOCLO — Eu agora mando e não quero voltar.

EXU — Estás embriagado pelo poder. Só podes mandar se eu deixar. Cumprí minha promessa: dei-te a noite de amor que tanto querias. Agora voltaremos.

CABOCLO — Depois que o galo cantou me sinto mais fraco, tonto. Exu, por que me abandonaste? Exu, onde está o meu poder? Por que me fizeste provar o que sempre sonhei e agora me tira? Exu, onde estás. Não me deixes nesta escuridão, nesta encruzilhada onde não sei qual o caminho que devo tomar. Exu!

CENA XIII

Chico está caído na encruzilhada. Zé e Tonho encontram o amigo.

ZÉ — Olha, ali, parece que é o Chico.

TONHO — Chico, acorde. Levanta, homem! Não adianta, está se desmanchando de tão bêbado. Tomou um fogo danado.

ZÉ — Ele apareceu embriagado no terreiro de Mãe Balbina, desafiando os Orixás, derrubando as imagens do pegi. Parecia que estava com um encosto ruim. A Mãe Balbina disse que ele estava com o Exu. Depois encontrou o Jorge Sarará que ia entrando com a Conceição para tomarem uns passes. Ai, nem te conto, compadre, o pau fechou entre os dois. Nunca vi tanta pancadaria.

TONHO — Dizem que o Chico surrou o Jorge Sarará. Imagine, brigarem no terreiro de Mãe Balbina, uma casa respeitável, onde frequenta até doutor que tem carro.

ZÉ — Depois da luta o Chico saiu rua à fora e veio dar neste lugar.

TONHO — Aqui tem comida por Baré e o Chico bebeu toda a garrafa de cachaça e ainda fumou os cherutos.

ZÉ — Acontece que lá no terreiro o Chico estava tão gambá que queria lá mesmo fazer umas safadezas com a Conceição. Parecia que o Exu estava solto ontem à noite.

TONHO — Tem razão, ele estava com encosto ruim. Não se brinca com o Exu, ele é traiçoeiro e vingativo. Olha, o Chico tá acordando.

ZÉ — Ôi, Chico, levanta rapaz, vamos curar o pileque em casa. A cama é lugar quente. Vamos antes que tu pegue um resfriado. Chico.

CHICO — Não sou mais o Chico, sou o Caboclo... Como é mesmo o meu nome? Caboclo Pena Branca? Não... Acho que não tem pena branca. Caboclo Tranca Rua? Também não... Agora me lembro, sou o Caboclo dos miseráveis, dos bêbados solitários e dos amantes abandonados.

TONHO — Tá bêbado, Chico, vamos para casa.

CHICO — Já disse que o meu nome não é Chico. Espera, tu tá aqui de novo, Exu safado, tá querendo me enganar, mas tu sabe que eu passei uma noite maravilhosa no palácio de Oxum, que lutei e derrotei Ogum, o Senhor da Guerra e do Ferro. Depois o galo cantou e fui jogado nesta encruzilhada. Nesta encruzilhada com uma garrafa vazia de cachaça.

ZÉ — Deixa de bobagem, Chico. Tu tá com encosto, a Mãe Balbina vai te curar com uns passes. Depois tu desenvolve para médium.

CHICO — Tá certo, vou para casa curar a bebedeira, mas no próximo sábado voltarei a esta encruzilhada com comida para ti: galo, pipoca, cachaça e charuto. Assim poderemos viajar nas asas do vento de laran, até o palácio de Oxum. Se o senhor da Guerra e do Ferro aparecer novamente, lutarei com ele. Eu sempre vencerei porque sou um caboclo. Um caboclo forte que expulsa os Orixás africanos. O Caboclo que oculta suas mãos numa garrafa de cachaça. O Caboclo que espera os sábados para viver um sonho.

FIM

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja porque processo for, mediante autorização expressa da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

GLOSSÁRIO

- Ogum — Orixá de origem nagô, que representa a guerra, senhor da demanda, padroeiro dos militares. Associado ao S. Jorge do Catolicismo.
- Oxalá — É o senhor da fecundidade, o orixá maior que comanda o universo.
- Exu — É o mensageiro dos homens perante os orixás. O exu deve receber os primeiros sacrifícios propiciatórios, porque senão atrapalha as cerimônias. Sincretizado com Santo Antônio.
- Oxosse — Orixá da mata e da caça, sincretizado com S. Sebastião.
- Demanda — Questão. Batalha ou briga de Orixás.
- Padê — Cerimônia dos terreiros de origem nagô, realizada no início dos trabalhos, a que muitos denominam de "despacho do Exu".
- Terreira — O mesmo que terreiro, local de cerimônias de origem africana.
- Amigo orelha de cão — O Exu.
- Encosto — Segundo a crença é um espírito que fica encostado na matéria, pedindo luz, ou seja, a pessoa morta pede ao vivo que faça preces, oferendas a fim de aliviar sua vida depois da morte. Esse espírito que encosta pode atrapalhar a vida da pessoa, mas também ajuda dando avisos.
- Xangô agodô — É o primeiro da falange do Orixá das forças atmosféricas e da justiça.
- Agô — Licença.
- Atabaques — Instrumento de percussão utilizado no ritual.
- Iansan — Orixá de origem nagô dos ventos e das tempestades, sincretizada com Santa Bárbara.
- Oxum — Orixá de origem nagô das águas das fontes e dos lagos, sincretizada com Nossa Senhora da Conceição.
- Egun — Espírito dos mortos.
- Oxumaré — É o orixá do arco-íris que leva água ao palácio de Xangô.
- Ogun-íé — Saudação aos eguns.
- Compadre — Nome popular do Exu.
- Ossanhe — O orixá das ervas medicinais.
- Ifá — O orixá da adivinhação, do jogo dos búzios.
- Ora ié-ié-ô — Saudação a Oxum.
- Alupô — Saudação ao Exu.
- Salupô — Saudação ao Exu.
- Caboclo — Entidade que representa os índios e também as figuras do campo, como o boiadeiro. Recebe nomes indígenas.
- Ogunhé — Saudação a Ogum.
- Aruanda — O reino dos Orixás.
- Bandeira branca — A doutrina da umbanda.
- Ponto — Oração cantada ou riscada de cada orixá.
- Orixá — Entidade que representa determinada força da natureza.
- Nação — Terreiro de batuque ou candomblé, religião afro-brasileira.